



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

Órgão do Partido
Operário Revolucionário

(11) 95446-2020

www.pormassas.org

@massas.por

anchor.fm/por-massas

MANIFESTO DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO (POR)

Trabalhadores franceses mostram o caminho do enfrentamento ao capitalismo em decomposição Viva as jornadas de luta, as greves e manifestações dos explorados!

23 de março de 2023

O presidente da França, Emmanuel Macron, teve de recorrer ao Artigo 49-3 da Constituição para impor à força a odiada e combatida contrarreforma previdenciária. Ao não conseguir apoio suficiente no parlamento, evidenciou sua fraqueza política diante da crise que abala a França e a Europa.

O movimento que há dois meses contesta o aumento da idade e do tempo de contribuição para se aposentar é parte das mobilizações em vários países europeus, que se deparam com a alta do custo de vida, os baixos salários e a degradação geral das condições de existência das massas trabalhadoras.

Desde a longa pandemia, os assalariados, principalmente, vêm se ressentindo da desintegração econômica e social do capitalismo. Mas, é com a guerra na Ucrânia que os explorados passaram a ser mais golpeados pela elevação da inflação e contenção dos salários.

As sanções econômico-financeiras à Rússia vêm afetando amplamente a Europa e o mundo. Os Estados Unidos não deixaram de ser atingidos, mas comodamente são os principais responsáveis pelo prolongamento da guerra, que adentrou ao segundo ano. A burguesia e os governos europeus, que conformaram a aliança em torno ao imperialismo norte-americano e ao seu braço armado na Europa, a OTAN, assumiram não apenas os perigos de a conflagração ultrapassar os marcos da Ucrânia, mas também a responsabilidade de descarregar todo o peso da decomposição econômica sobre a maioria da popula-

ção.

Hoje, mais do que no início da guerra, em 24 de fevereiro de 2022, se tornou mais visível e patente que em sua base se encontram o esgotamento da ordem mundial edificada após a Segunda Guerra e, conseqüentemente, a feroz guerra comercial potenciada no quadro da crise aberta em 2008, precisamente, nos Estados Unidos. A Europa seguiu o curso mundial das tendências da crise de destruir maciçamente parcelas crescentes de forças produtivas. Se viu, forçosamente, do ponto de vista burguês, capitalista, a seguir as principais determinações traçadas pela potência norte-americana.

A formação do bloco que constituiu a União Europeia não teve como - e nem podia - alcançar independência diante da esmagadora hegemonia norte-americana, que emergiu da Segunda Guerra Mundial. A ruptura causada pelo Reino Unido, com o Brexit, indicou o declínio e o rápido esgotamento da estratégia política que levou à montagem da União Europeia. Um dos sinais mais significativos de que esse caminho, desde sempre, esteve subordinado, em última instância, aos ditames dos Estados Unidos foi a manutenção da OTAN, que, sob as novas condições de desintegração do capitalismo, revelou a sua principal face que é a de servir à hegemonia norte-americana, que passaria a tornar mais poderosa a potenciação da guerra comercial e, inevitavelmente, a sua transformação em escalada militar.

As inúmeras guerras de intervenção,

sendo, nesse sentido, a mais sintomática a desfechada contra o Iraque, em 2003, trouxeram à tona as contradições econômico-sociais do capitalismo da fase imperialista, que levariam os Estados Unidos a recrudescerem o cerco econômico-militar à Rússia e a provocarem a guerra de intervenção russa na Ucrânia. O que arrastou e empurrou a União Europeia e a Inglaterra à escalada bélica, como parte e reflexo da guerra comercial desenvolvida contra a ascensão da China. Não bastaram a recuperação do Leste Europeu, a liquidação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e a integração da China na órbita do capitalismo mundial, para arrefecerem os choques entre as forças produtivas, as relações de produção e as fronteiras nacionais, que se reconstituíram após a gigantesca destruição de forças produtivas resultante da Segunda Guerra. Se bem que os interesses dos capitalistas e dos Estados europeus se achassem comprimidos, foram os Estados Unidos que gestaram os fatores da guerra na Ucrânia, da mesma forma que vêm gestando os da guerra comercial contra a China e a militarização do Indo-Pacífico.

Não se trata de estabelecer uma relação mecânica entre a guerra, o levante das massas na França e as manifestações que ocorreram recentemente na Inglaterra, Bélgica, Alemanha e República Checa. Trata-se, porém, de reconhecer os vínculos da decomposição do capitalismo com a guerra e a escalada militar e suas consequências sociais. Macron se dispôs a aplicar uma medida autoritária para impor a sua contrarreforma e a correr o risco de desmonte de seu governo, que foi submetido à “moção de desconfiança”, tanto pela esquerda quanto pela direita, em função de duras exigências da burguesia europeia e norte-americana. Em todos os casos de mobilização dos explorados, os governos europeus se guiam pelos reflexos da guerra e das medidas de retaliação econômico-financeira contra a Rússia.

Na França, a repressão tem sido brutal. Não se permitem vitórias que se contraponham aos esforços de guerra para derrotar a Rússia e abrir caminho a uma livre penetração dos capitais na rica região euroasiática, que até o final de 1991 era controlada pela URSS.

Macron impôs a contrarreforma previdenciária por meio de um decreto e se livrou da “moção de desconfiança”, mas isso ao custo do aumento do descontentamento popular e da radicalização da luta de classes. Com certeza, os trabalhadores franceses despertaram respeito e admiração pelos trabalhadores de toda a Europa, que poderão seguir o seu exemplo nos próximos embates, forçando as direções sindicais burocráticas a recorrerem à luta unitária.

A crise de direção é profunda, o que explica o fato de não se ter estabelecido no seio da classe operária e dos demais explorados o vínculo da guerra com a responsabilidade dos governos, que seguem os interesses da burguesia imperialista.

Aqui estamos em frente ao Consulado para protestar contra a violenta repressão sofrida pelos oprimidos da França e pelo fim da contrarreforma previdenciária. O Partido Operário Revolucionário (POR) participa desta manifestação frentista e defende que as organizações mantenham a frente para responder aos ataques que vêm sofrendo a classe operária no Brasil e à política antioperária do governo Lula, empossado a pouco mais de dois meses. O POR chama os presentes a este Ato a constituírem uma oposição revolucionária ao governo burguês de Lula, PT e da frente ampla oligárquica.

**Viva a luta dos trabalhadores franceses!
Organizar um movimento no Brasil por um programa próprio da classe operária e dos demais explorados!**

Chamamos as organizações aqui presentes a se colocarem por uma campanha junto às centrais, sindicatos e movimentos camponês e popular para que convoquem um Dia Nacional de Luta em defesa dos empregos, salários e direitos trabalhistas! E para que levantemos bem alto a bandeira de fim da guerra na Ucrânia! Por esse caminho, os explorados em luta impulsionarão a constituição de uma frente única anti-imperialista.

Escute o Massas,
podcast do Partido Operário Revolucionário

ACESSE O NOSSO CANAL:

anchor.fm/por-massas

(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

No podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO**

